

# Educação ambiental e festas populares: um estudo de caso na Amazônia utilizando o Festival Folclórico de Parintins

Elizabeth da Conceição Santos\*

**Resumo:** Na Amazônia destacam-se manifestações culturais que culminam na realização de festas populares, religiosas ou profanas. O Festival Folclórico de Parintins destaca-se como a maior revelação cultural da região, tendo como tema central um auto popular – o bumba-meu-boi com modificações e adaptações amazônicas. O artigo envolve três níveis de abordagem: boi-bumbá como prática cultural; boi-bumbá como atividade impactante, e boi-bumbá como suporte para um programa de Educação Ambiental.

**Palavras-chave:** Festival Folclórico de Parintins, manifestações culturais.

**Abstract:** *In the Amazonian cultural manifestations stand out culminate for the accomplishment of popular parties as religious or profane. The Festival Folclórico de Parintins stands out as the largest cultural revelation of the region. It has a popular solemnity as central theme: bumbá-meu-boi with modifications and Amazonian adaptations. The article involves three approach levels: boi-bumbá as cultural practice; boi-bumbá as impactante; and boi-bumbá as support for an Environmental Education Program.*

**Keywords:** *Parintins Folk Festival, environment cultural, educacion manifestation.*

## Introdução

Uma inquietação constante provocada pela visão reducionista da questão ambiental, quer pela mídia, ou pelos sistemas educacionais, tem impulsionado um profundo envolvimento na busca de alternativas que permitam, principalmente à população dos países emergentes, uma reflexão crítica da realidade de modo a contribuir para fomentar mudanças individuais e coletivas que possam minimizar as desigualdades estabelecidas em nível de

---

\*Doutora em Educação e Meio Ambiente e professora do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amazonas.





planeta. Esta pesquisa constitui, em parte, a convergência desses estudos e intervenções, quer no ensino formal ou não-formal.

A desarticulação do componente social e a redução do tratamento ambiental ao meramente ecológico responde, por um lado, ao esquema positivista da ciência e do conhecimento, impedindo uma adequada compreensão das complexas e múltiplas expressões dos fenômenos da realidade. É neste aspecto que se propõe a educação ambiental como uma estratégia para rever os reais fins da educação. Por outro lado, não se pode negar que a educação ambiental em sua trajetória vem comportando tratamentos reducionistas que refletem os interesses dos países desenvolvidos, voltada exclusivamente para os fatores ecológicos, primordialmente quanto à manutenção dos ecossistemas remanescentes do planeta e o domínio econômico que consolidam as relações de desigualdades sociais.

Adotando a perspectiva crítica para a educação ambiental, ela se perfila implicitamente no questionamento da ordem socioeconômica vigente, das superestruturas, estruturas e infra-estruturas que a sustentam; na análise dos fatores da crise ambiental a partir de uma perspectiva predominantemente econômica e social, fundamentada na análise crítica das desigualdades locais, regionais, nacionais e internacionais, com respeito ao aproveitamento e destinação dos recursos, à melhoria das condições de produção, à coletivização e democratização das organizações sociais ou das estruturas políticas.

A pesquisa se declina em desenvolver um processo capaz de permitir a incorporação desses pressupostos teóricos e que vislumbre a possibilidade de, pela sua natureza, revestir-se de atrativos capazes de não só atrair parcelas da sociedade para refletirem sobre a problemática ambiental contemporânea, como também estimulá-las a atuar na transformação dessa realidade. Defendendo uma visão dos fenômenos que leve em conta os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas, a investigação define-se como abordagem qualitativa, como um estudo de caso etnográfico (André, 1998, p. 49-52).

A pesquisa pretendeu verificar a possibilidade das festas populares, que apresentam a temática ambiental no seu contexto, permitirem efetivar um trabalho de sensibilização, considerando que através delas a comunidade resiste pontualmente às investidas do poder ao denunciar e expor as atrocidades cometidas historicamente pelas relações econômicas determinadas pelos países ricos e que repercutem no meio ambiente dos países emergentes, em toda a sua dimensão e complexidade.



## Educação e meio ambiente no contexto contemporâneo

A visão mecanicista e reducionista do mundo tem sido precisamente uma das causas fundamentais da crise imperante nos últimos séculos – a crise ambiental do século XX é uma crise planetária, uma crise de conhecimento e de formas de conhecimento; um desafio à interpretação do mundo. A crise da educação é um dos aspectos relevantes da grande crise contemporânea. A crise obriga a falar de paradigmas e de mudanças de paradigmas. Entender a crise ambiental como fenômeno global significa ter que se aproximar dela a partir de um novo paradigma conceitual e metodológico que permita explicar a complexidade e trabalhar sobre ela. A contribuição de Edgar Morin (1996), através do Paradigma da Complexidade, permite pensar a problemática ambiental contemporânea de modo a minimizar os estragos que as visões simplificadoras fizeram não só no mundo intelectual, mas, também, na vida. A contribuição de Alvin Toffler (1998), ao categorizar as ondas de mudanças vividas pela sociedade, conduz à análise das transformações ocorridas para a superação dos conflitos que surgem. Um novo paradigma ambientalista que venha substituir o existente deverá revisar não só a natureza das concepções humanas em relação ao meio, mas também, a ciência que foi influenciada e influi sobre elas. O paradigma ambientalista como resultante da fusão dos enfoques paradigmáticos de tipo ético e científico, ou seja, o biocêntrico e a complexidade, proporciona o marco adequado para situar, na conjuntura atual, a educação ambiental (Novo, 1995). A educação ambiental entendida no novo paradigma ambientalista deixa de ser um processo de simples mudanças éticas, conceituais ou metodológicas, e permite formular teorias e leis para a ação educativo-ambiental. Contemplando esses pressupostos teóricos, o presente trabalho, através de uma estratégia assentada nas práticas culturais das populações amazônidas, objetivou construir um processo de sensibilização e comprometimento da sociedade para a questão ambiental.

## Manifestações culturais na Amazônia e meio ambiente

Partiu-se do reconhecimento de que a Amazônia foi apresentada ao mundo, envolta em mitos, como uma região uniforme e monótona, um espaço sem gente e sem história, passível de qualquer manipulação por meio de planejamentos feitos à distância, ou sujeita a propostas de obras faraônicas, vinculadas a um falso conceito de desenvolvimento. Ab'Saber (1990) ressalta a necessidade da elaboração de um sistema de educação ativo e criativo, adaptado a um modo de vida harmônica com as condições ambientais e culturais





da região, com respeito total aos valores das comunidades autóctones. Neste contexto amazônico, definido na conjuntura atual, destacam-se manifestações culturais que culminam, muitas vezes, para a realização de festas populares, religiosas ou profanas, revestidas da miscigenação que integra historicamente as matrizes culturais dos povos amazônicos. Estas manifestações culturais que, integrando calendários turísticos, emergem de cada município amazonense apresentam, para esta pesquisa, duas características fundamentais: o fato de atraírem multidões, pelo fascínio da temática, e/ou pela oportunidade de diversão; e, muitas delas, permitem a incorporação da temática ambiental no seu desdobramento. Entre as manifestações culturais que reúnem essas características a que é considerada como a maior festa popular da região Norte é o Festival Folclórico de Parintins, evento anual, que se realiza nos dias 28, 29 e 30 de junho, tendo como tema central um auto popular-brasileiro, o bumba-meu-boi, boi-bumbá, ou simplesmente boi, com modificações e adaptações eminentemente amazônicas. O município de Parintins é analisado na conjuntura regional através de vários parâmetros: aspectos históricos, relevo, vegetação, clima, hidrografia, economia, educação, saúde, infra-estrutura e serviços públicos, e de instrumentos legais que sustentam as orientações de gestão ambiental. A etnografia, na perspectiva da descrição densa, proposta por Geertz (1978), é assumida pela pesquisa como procedimento metodológico que permite descrever o boi como prática cultural e como atividade impactante, isto significa inscrever a dimensão educativa do boi na problemática da educação ambiental, como campo teórico-prático, buscando uma adaptação da etnografia à educação.

### **Boi-bumbá como prática cultural**

As potencialidades do boi-bumbá como prática cultural são enfatizadas, do ponto de vista de sua produção e/ou incorporação ao sistema educacional de Parintins. O boi-bumbá é analisado como prática cultural buscando-se identificar as potencialidades existentes nessa manifestação com o propósito de que as condições concretas de vida de seus portadores seja uma via de acesso ao conhecimento de suas ideologias, de seus valores e de suas práticas culturais, para colocá-los a serviço da questão ambiental. Parte-se dos vestígios das origens do boi-bumbá que, por ser uma manifestação cultural local e regional, requer a utilização do conceito de cultura como suporte teórico de referência; a abordagem do *boi*, enquanto prática cultural, busca subsídios na perspectiva da teoria interpretativa da cultura. A análise prossegue concebendo a festa como um momento extraordinário que possibilita viver uma ausência fantasiosa e utópica de miséria, trabalho, obrigações, pecados



e deveres, tendo, portanto, o seu caráter dionisíaco, permitindo compreender a elaboração das opiniões comuns e das crenças coletivas, na análise de Maffesoli (1987). Incorporam-se, referenciais dos estudos de Turner (1974), DaMatta (1998), para considerar as festas como palco das transformações culturais e cenários importantes da vida social; lugar dos conflitos, das exclusões, de controle, de disciplina, da educação e da reforma do povo, assim como de resistência a todos esses processos. De posse desses pressupostos, a pesquisa prossegue na sua primeira intervenção objetivando verificar se as manifestações culturais, mais especificamente, do boi-bumbá, se explicitam nos currículos escolares de Parintins, assim como sua vinculação com a questão ambiental. Concebe a escola como um território de luta e a pedagogia, uma forma de política cultural (Giroux e Simon, 1999); o currículo como uma frente privilegiada de luta de qualquer estratégia de intervenção cultural do processo de transformação. Definiram-se, como universo da pesquisa, as doze escolas localizadas na zona urbana de Parintins, da esfera estadual, atuando nos 3º e 4º ciclos (5ª a 8ª série) do Ensino Fundamental. O processo de investigação empenhou-se em incorporar os pressupostos básicos implícitos em uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semi-estruturadas, em conjunto com a observação participante e a análise de documentos, como alternativa para recolhimento de dados, e o desenvolvimento de categorias para proceder a análise das respostas concedidas. Foram efetivadas doze entrevistas com a direção de cada escola e setenta e oito com professores das disciplinas que compõem a grade curricular das escolas envolvidas na pesquisa. A triangulação dos resultados permitiu a descrição crítica da incorporação das manifestações culturais do Festival Folclórico nos currículos, sua vinculação com a questão ambiental, tendo meio ambiente como “tema transversal”, conforme preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais.

### **Boi-bumbá como atividade impactante**

A pesquisa se propôs levantar indicadores do boi-bumbá como atividade impactante para, em conjunto com os indicadores do boi-bumbá como prática cultural, projetar e avaliar um programa de educação ambiental a ser trabalhado pela população residente na sensibilização quanto à questão ambiental. Ao referencial teórico são acrescidas reflexões sobre o fenômeno turístico e sua vinculação com a indústria cultural que, segundo Coelho (1998) é vista ora como responsável pela alienação das massas, ora como reveladora para o ser humano de suas significações e do mundo que o cerca. Os impactos sócio-ambientais do turismo são discutidos convergindo para as





conseqüências sobre a cultura das regiões visitadas numa demonstração de que os impactos desfavoráveis apresentam-se com maior intensidade nos locais onde acontece a convergência de um fluxo turístico de massa, como em Parintins que, pelos dados estatísticos, chega a dobrar a população residente na zona urbana, por ocasião do Festival. Voltando-se para a população residente, a pesquisa efetiva a segunda intervenção na realidade objetivando o levantamento da situação ambiental de Parintins a partir da percepção da população local. Utilizou-se um instrumento que permitiu registrar os dados, a partir de entrevistas semi-estruturadas. Apesar de, na abordagem qualitativa, preponderarem pequenas amostras, definiu-se entrevistar 500 residentes, numa população urbana de aproximadamente 50.000 habitantes. Optou-se por amostragem aleatória, podendo ser caracterizada como amostragem por conglomerado, considerando que os entrevistados foram envolvidos no ambiente escolar e fora dele. O instrumento para coleta de dados foi utilizado como um guia, considerando a abordagem qualitativa, e foi elaborado a partir de uma pesquisa prévia, junto à população residente, para identificação dos parâmetros a serem analisados, de modo a permitir uma avaliação dos impactos positivos e negativos do Festival Folclórico de Parintins. Analisando os resultados advindos da análise descritiva, dos relatórios produzidos através do “*software*” e, comparando, quando possível, as estatísticas oficiais atuais com o que as pessoas relatam, a partir de suas percepções, tornou-se possível caracterizar: informações preliminares dos entrevistados; serviços básicos (em qualquer época e durante o Festival); alimentação (em qualquer época e durante o Festival); saúde (em qualquer época e durante o Festival); Festival Folclórico de Parintins – preparativos; visitantes; impactos ambientais causados pelo Festival Folclórico; educação; e questão ambiental – um problema conceitual?

### **Boi-bumbá como suporte para um programa de educação ambiental**

Foi projetada e implementada uma estratégia de educação ambiental, com base nos marcos referenciais nacionais e internacionais, considerando as potencialidades e a problemática em torno das manifestações culturais contidas no Festival Folclórico de Parintins, de modo a envolver visitantes e residentes com a questão ambiental. A exploração da dimensão educativa de práticas culturais de intensa ação *signica*, como suporte de ação pedagógica ambiental, produz uma conexão imediata entre educação ambiental e cidadania. Partindo do conceito de cultura, proposto por Geertz (1978), como teia de significação simbólica, a pesquisa propõe a abordagem da cultura como texto que pode ser lido e interpretado. Incorpora a semiótica de



Peirce (1977) que concebe a comunicação como uma relação entre autor, intérprete e interpretante.

A dimensão educativa do boi-bumbá, em relação aos impactos que provoca, do ponto de vista do recorte epistemológico, coloca este trabalho como tema e problema no campo da educação ambiental. A estratégia de educação ambiental, pautada na realidade amazônica, desenvolveu-se através de três momentos fundamentais: antecedendo o Festival, com a preparação e envolvimento da população residente para atuar na sensibilização dos visitantes, constando de um concurso escolar, visando a reflexão sobre os impactos causados ao meio ambiente, aproveitando as manifestações culturais; durante o Festival, com a exposição dos trabalhos selecionados, envolvendo a população visitante e residente na análise dos desenhos e mensagens, considerando-se implicitamente a relação autor, intérprete e interpretante; após o Festival, com a avaliação dos resultados obtidos e a consolidação de um novo processo de sensibilização participativo.

O processo de sensibilização teve a escola como ponto de partida; objetivando envolver a comunidade na construção da estratégia, inicialmente estabeleceu-se um concurso envolvendo as escolas da rede urbana de Parintins. As escolas, em número de doze, apresentaram como universo a ser atingido 9.837 alunos, assim matriculados: 6.686 alunos, de 5ª a 8ª séries, no Ensino Fundamental e 3.151 alunos no Ensino Médio. As toadas (canções) foram escolhidas como ponto de partida para a estruturação da estratégia pelo fato de incorporarem, à temática central, a discussão de problemas relacionados ao meio ambiente, em sua totalidade e complexidade. Foram escolhidas, a partir da análise de conteúdo, doze toadas de cada *bumbá*, pertencentes aos festivais de 1991 a 1998, considerando a incorporação da temática ambiental. Partindo da seleção prévia das toadas, o concurso foi integrado por dois componentes indissociáveis: desenhos expressando as mensagens das toadas escolhidas e mensagens buscando a sensibilização quanto à problemática ambiental. Os desenhos e mensagens selecionados, em número de duzentos e dois cada, representando 16% dos produzidos, integraram uma mostra de modo a envolver, desta feita, o público participante do XXXIII Festival Folclórico de Parintins. Foi escolhido, ainda, um desenho representativo de cada toada selecionada, com a finalidade de serem transpostos para um muro através do trabalho de artistas plásticos locais; estes painéis integraram o processo de sensibilização de visitantes e residentes no período de realização do Festival. Muro e exposição, propriamente ditos, constituíram objeto de pesquisa quanto ao potencial das festas populares para a





educação ambiental.

A presente pesquisa impôs, aos desenhos e mensagens, um arbitrário cultural possível de cooperar para provocar mudanças de valores, comportamentos e estilos de vida necessários ao desenvolvimento sustentável, enfim, contribuir para forjar uma população preparada para respaldar as mudanças necessárias à sustentabilidade. Partiu-se do pressuposto que, desta forma, a população poderia, a partir da contemplação dos trabalhos, perceber as letras das toadas e sua relação com a questão ambiental, assim como, a complexidade em torno da qual a discussão da temática se estabelece, visando um comprometimento e uma participação mais efetiva na problemática contemporânea. Efetiva-se a terceira intervenção na realidade através de um instrumento de pesquisa, com perguntas abertas, sustentado em sete tópicos: identificação do entrevistado; participação no Festival/cuidados com a ilha; problemas ambientais percebidos; toadas e preocupação com o meio ambiente; aspectos relevantes nos desenhos e mensagens; avaliação da estratégia para sensibilização quanto à problemática ambiental; e sugestões para melhorar o trabalho de sensibilização. A pesquisa, ao envolver visitantes e residentes na análise dos desenhos e mensagens, utilizou como estratégia a seleção de três trabalhos por série. Foram realizadas duzentas e quarenta e duas entrevistas; a amostra aleatória foi constituída por aqueles que concordaram em participar do processo de seleção dos desenhos e mensagens da exposição e dos painéis do muro, ambos preparados para esse fim.

Considerando a avaliação dos participantes, as ações do Programa de Educação Ambiental, pautadas nas potencialidades e problemas sócio-ambientais identificados demonstraram constituir-se em uma alternativa importante que, utilizando as manifestações culturais, através das festas populares, se consolida num processo envolvendo o ensino formal e não-formal, na construção de uma sociedade comprometida com o meio ambiente. Desta forma a educação ambiental, ao se valer dos elementos do Festival, pretende contribuir para que a questão ambiental seja compreendida na dimensão e complexidade a ela pertinente, principalmente com relação aos países emergentes, onde as disparidades emanadas das relações de dominação dos países desenvolvidos impõem uma visão reducionista que permite manter o “status quo” e uma atribuição de responsabilidade unilateral.





## Considerações finais

A educação ambiental foi concebida, pela pesquisa, na vertente sócio-ambientalista (Medina e Santos, 1994, p. 65-66), da qual é importante destacar: é proposta como uma alternativa educacional complexa; faz uma análise histórica das situações ambientais como produto do próprio processo histórico da humanidade; postula uma educação para a vida em toda a sua diversidade e complexidade; está voltada para o futuro, porém firmemente assentada nas análises do passado, capaz de pensar e construir uma utopia real ou realizável; é efetivamente crítica, que deverá caminhar até a superação das contradições da educação sistemática.

A sistematização da pesquisa converge para duas recomendações advindas das avaliações realizadas, considerando o potencial identificado nas manifestações culturais para o tratamento da questão ambiental: *utilização das manifestações culturais no processo de sensibilização para a problemática ambiental*, com ênfase na conscientização da opinião pública; e *inserção das manifestações culturais nos currículos escolares para trabalhar meio ambiente como tema transversal*, de modo a contribuir para a educação formal voltada para o meio ambiente e sustentabilidade.

Utilizando-se as manifestações culturais emanadas do Festival Folclórico de Parintins para a sensibilização quanto à questão ambiental, em sua complexidade e totalidade, foi possível verificar que o processo desencadeado a partir da escola até a sociedade em geral, presente à festa, permitiu um envolvimento de vários segmentos na reflexão da problemática contemporânea. A partir de alunos, professores, diretores, enfim, do corpo administrativo das escolas, dos familiares, artistas locais, visitantes, a questão ambiental foi percebida, através das toadas, quer numa perspectiva “naturalista” – exaltação à beleza da natureza, restringindo ou privilegiando o significado do meio ambiente em seus aspectos físicos e biológicos, dissociando a sociedade da natureza – ou numa perspectiva “sócio-ambientalista” – percebendo, além do ambiente natural, o meio antrópico sujeito aos empreendimentos do homem, condicionados essencialmente pelas relações sociais, com ênfase nos modelos de desenvolvimento impostos e predatórios.

A pesquisa evidenciou a eventualidade e o reducionismo com que as manifestações culturais, derivadas do Festival Folclórico, integram a proposta curricular de Parintins. A forma como as escolas responderam confirma que os educadores têm tradicionalmente considerado a cultura popular como





um conjunto de conhecimentos e prazeres desvinculados da pauta da escolarização como um terreno marginal e perigoso, algo contra o qual se deva ser imunizado. Restringem o tratamento das manifestações culturais às disciplinas específicas, não permitindo uma reflexão mais aprofundada da questão ambiental. A vinculação à questão ambiental é percebida, mas, quando explorada, exalta os impactos causados ao meio físico, principalmente à utilização dos recursos naturais, em detrimento dos relacionados aos aspectos sociais.

Apesar do reconhecimento da inserção da questão ambiental no processo educacional, ela está reduzida à esfera disciplinar, não enfatizando, em momento algum, o efetivo trabalho interdisciplinar necessário ao seu tratamento. A preservação do meio ambiente, a conscientização dos alunos, parece ser possível simplesmente através da utilização de estratégias e/ou recursos didáticos. A vinculação dos temas transversais às datas comemorativas e à realização de eventos, como Feiras de Ciências, prefigura que esses trabalhos “conjuntos” são pontuais e, portanto, não atendem ao princípio da transversalidade em busca da construção da interdisciplinaridade.

Existe consenso quanto à importância da inserção das manifestações culturais nos currículos escolares para trabalhar meio ambiente como tema transversal, conforme preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais, considerando as potencialidades e a problemática envoltas nas festas populares, quer do ponto de vista de sua constituição cultural e/ou de seus impactos considerando a complexidade da questão ambiental.

Os temas transversais constituem um dos aportes teóricos mais inovadores que recentemente têm dado à luz a teoria curricular contemporânea, inclusive pode-se afirmar que em boa medida a viabilidade da reforma atualmente pretendida no Brasil depende do tratamento que se dê a esses temas em cada centro educativo. O conceito de eixo transversal se refere a um tipo de ensino que deve estar presente na educação obrigatória como “guardião da interdisciplinaridade” nas diferentes áreas do conhecimento, não como unidades didáticas isoladas, mas como eixo claro de objetivos, conteúdos e princípios de procedimentos que vão dar coerência e solidez às matérias e salvaguardar suas interconexões, na medida do possível.

A transversalidade radica na incorporação de uma perspectiva ética e de um posicionamento crítico ante a realidade, frente ao clássico tratamento conceitual inspirado na idéia de compartimentalização das diferentes matérias.

São objetivos a curto e médio prazo: estimular as capacidades de participação social responsável e a intervenção ativa nas problemáticas locais de cada comunidade, assim como tomar consciência dos conflitos transnacionais que se produzem no plano internacional. Constitui finalidade dos temas transversais, a longo prazo, potencializar o livre desenvolvimento pessoal da sociedade do futuro.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – proposta de reorientação curricular da Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação e do Desporto – ao eleger a cidadania como eixo vertebrador da educação escolar – reconhecem a necessidade de que as questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos, indicando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, com a mesma importância das áreas convencionais. Desta forma, propõem um conjunto de temas denominados de temas transversais: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo (Brasil, 1998).

Meio ambiente concebido na dimensão da presente pesquisa bastaria como tema transversal único, considerando que, em sua complexidade e totalidade, incorpora os demais temas. Isso, operacionalmente, resultaria em uma convergência de esforços para a efetiva implementação dos Parâmetros. Em assim sendo, propõe-se meio ambiente como tema transversal para trabalhar os demais propostos e as manifestações culturais como uma alternativa para trabalhar meio ambiente como tema transversal, no Ensino Fundamental, mais especificamente de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, ou seja, 3<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup> ciclos. As potencialidades e problemáticas do Festival Folclórico de Parintins constituem a base para que os temas transversais possam ser desenvolvidos, numa perspectiva interdisciplinar, e com uma motivação pertinente ao prazer do qual emergem as manifestações. Gaudiano (1997, p. 144-145) reconhece que a “educação ambiental pode fazer qualitativas contribuições na busca de uma pedagogia da diferença em oposição a uma pedagogia da desigualdade”. Uma pedagogia em que o indivíduo, a partir de seus interesses, aspirações e desejos de mudança social reúna condições de pertencer à realidade que deve construir com base na análise crítica de suas condições objetivas e subjetivas de existência.

Na avaliação dos participantes, as ações do Programa de Educação Ambiental, pautadas nas potencialidades e problemas sócio-ambientais, demonstraram constituir-se em uma alternativa importante que, utilizando





as manifestações culturais através das festas populares, se consolida num processo envolvendo o ensino formal e não-formal, para a construção de uma sociedade comprometida com o meio ambiente.

### Referências bibliográficas

- AB'SABER, Aziz Nacib (1990). *A Amazônia: do discurso à práxis*. São Paulo: Edusp.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de (1998). *Etnografia da prática escolar*. 2ª ed. Campinas: Papyrus (Série Prática Pedagógica).
- BRASIL (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF. Secretaria de Educação Fundamental.
- \_\_\_\_\_. (1991). *Encontro Nacional de Políticas e Metodologias para a Educação Ambiental*. Brasília: Gráfica do MEC.
- COELHO, Teixeira (1998). *O que é indústria cultural*. 17ª ed. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos, nº 8).
- DAMATTA, Roberto (1998). *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos (1997). *A farra do boi: palavras, sentidos, ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- GAUDIANO, Edgar González (1997). *Educación ambiental: historia y conceptos a veinte años de Tbilisi*. México: Thalpan.
- GEERTZ, Clifford (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GIROUX, Henry A.; SIMON, Roger (1999). Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In: MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu (Orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, p. 93-124.
- IPAAM – Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (1998). *Meio ambiente através das manifestações culturais de Parintins*. Santos, Elizabeth (coord.). Manaus-AM: IPAAM.
- MAFFESOLI, Michel (1987). *O tempo das tribos; o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor (1998). *Festa no pedaço – cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec.
- MEDINA, Naná Mininni; SANTOS, Elizabeth da C. (1994). *Amazônia: uma proposta interdisciplinar de educação ambiental: documentos metodológicos*. Brasília: IBAMA.



- MENDONÇA, Rita (1996). Turismo ou meio ambiente – Uma falsa oposição. In: LEMOS, Amália Inês G. de (Org.). *Turismo: impactos sócio-ambientais*. São Paulo: Hucitec.
- MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu (1999). Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. In: MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Currículo, cultura e sociedade*. 3ª ed. Trad. de Maria Aparecida Baptista. São Paulo: Cortez, p. 7-38.
- MORIN, Edgar (1996). *O problema epistemológico da complexidade*. 2ª ed. Portugal: Europa-América.
- \_\_\_\_\_. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO.
- MORIN, Edgar; KERN, Anne-Brigitte (1993). *Terra-Pátria*. Trad. Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget (Coleção Epistemologia e Sociedade, nº 5).
- NOVO, Maria (1995). *La educación ambiental en el marco del paradigma ambientalista*. 3ª ed. Madrid: Fundación Universidad Empresa.
- PEREZ, José Gutierrez (1995). *La educación ambiental – Fundamentos teóricos, propuestas de transversalidad y orientaciones extracurriculares*. Madrid: La Muralla.
- RUSCHMANN, Doris Van de Meene (1994). O planejamento do turismo e a proteção do meio ambiente (Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação) – ECA/USP.
- SACHS, Ignacy (1993). Estratégia de transição para o século XXI. In: BURSZTYN, Marcel. (Org.). *Para pensar o desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Brasiliense, p. 29-56.
- SANTOS, Elizabeth da Conceição (1993). Educación ambiental en las universidades amazónicas. *Educación ambiental y Universidad*. México: Universidad de Guadalajara, p. 197-210.
- SANTOS, Elizabeth da Conceição (1996). Incorporação da educação ambiental nos cursos de graduação das Universidades Amazônicas. In: PAWAN, Crodowaldo (Org.). *Uma estratégia latino-americana para a Amazônia*. Brasília: MMA; São Paulo: Memorial, v. 1, p. 299-310.
- SANTOS, Elizabeth da Conceição (1997). Escola de Educação Ambiental. A Universidade e a incorporação da educação ambiental no ensino de 1º grau. In: PÁDUA, Suzana Machado; TABANEZ, Marlene Francisca (Orgs.). *Educação ambiental – caminhos trilhados no Brasil*. Brasília: Ipê, p. 55-72.





TOFFLER, Alvin (1998). *A terceira onda*. 23ª ed. Trad. João Távora. Rio de Janeiro: Record.

TURNER, Victor W. (1974). *O processo ritual – estrutura e antiestrutura*. Trad. Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes. Coleção Antropologia, 7.

